

4

Poderis pertencia a um grupo seletivo de mundos chamados de "mundos marginais": planetas que permaneceram colonizados não pelos recursos valiosos ou localização conveniente, mas apenas pelo espírito teimoso de seus colonizadores. Com um dia desorientador de dez horas, uma ecologia de pântano abandonado, confinando os colonizadores a um grande arquipélago de planaltos em forma de mesas e um deslocamento no eixo, causa de ventos fortíssimos no outono e na primavera, Poderis não era um lugar que atraísse visitantes. Seus habitantes eram fortes e independentes, e possuíam um longo histórico de ignorarem a política do restante da Galáxia, apesar de tolerarem os turistas.

Todos esses motivos o tornavam o mundo ideal para o novo tráfego de clones do Império. Também o lugar ideal para o mesmo Império preparar uma armadilha.

O homem que seguia Luke era baixo e comum, o tipo de pessoa que se misturava ao cenário em qualquer lugar. Era bom no que fazia, com uma habilidade que implicava em longa experiência na Inteligência do Império. Porém essa experiência não se estendia a seguir Cavaleiros Jedi. Luke pressentia-lhe a presença assim que o homem começara a segui-lo e conseguira avistá-lo um minuto depois, no meio da multidão.

Só restava o problema sobre o que fazer com ele.

— Artoo? — murmurou ele ao comunicador que disfarçara perto da gola, sob o capuz. — Temos companhia. Provavelmente homens do Império.

Ouviu um ruído suave, parecido a um trinado eletrônico, como resposta.

— Não há nada que você possa fazer — respondeu Luke, pensando ter entendido o sentido geral da pergunta. Costumava apanhar o significado geral, mas talvez naquela situação não fosse o suficiente. — Alguém está andando ao redor do transporte? Ou do espaçoporto?

Artoo emitiu uma negativa.

— Bem, acho que é capaz de acontecer isto em pouco tempo — avisou Luke, parando para observar uma vitrina. Reparou que seu perseguidor continuou em frente, até parar em frente à outra loja. De fato, comportava-se como um profissional. — Faça o que puder para aquecer os sistemas, sem chamar atenção. Vamos precisar partir assim que eu chegar aí.

O dróide assentiu, do outro lado. Colocando a mão no pescoço, Luke desligou o comunicador e deu uma olhada ao redor. A primeira prioridade era livrar-se do perseguidor antes que o Império resolvesse optar por outro tipo de abordagem. Para fazer isso, seria necessária alguma distração...

Cinquenta metros adiante, na multidão, Luke avistou o que considerou uma boa oportunidade: outro homem, na rua, com uma túnica da mesma cor e mesmo corte que a sua. Fazendo o possível para não dar a impressão de quem se apressava, o Jedi caminhou na direção do sócia.

O outro personagem de túnica continuou até uma bifurcação e tomou o caminho da direita. Luke apressou o passo um pouco, percebendo a preocupação do homem que o seguia em ter sido descoberto. Resistindo à vontade de começar a correr, Luke virou a esquina com naturalidade.

Tratava-se de uma rua como a maioria das outras que já tivera oportunidade de observar, na cidade: larga, pavimentada em pedra, apresentando edifícios imponentes em ambos os lados. Por reflexo, projetou a Força, examinando a área ao redor dele, tão longe quanto podia atingir...

E prendeu a respiração. A frente, ainda distante, percebeu pequenas regiões de escuridão, onde seus sentidos Jedi não distinguiam nada. Como se a Força, que transmitia a informação para ele, cessasse de existir ali... ou estivesse bloqueada.

O novo fato significava que não se tratava de uma emboscada comum, para um espião qualquer da Nova República. Os homens do Império sabiam quem estava ali e vieram a Poderis protegidos por ysalamiri.

A menos que agisse rápido, seria capturado.

Olhou outra vez para os prédios ao redor. Construções atarracadas de dois andares em sua maioria, apresentando fachadas ornadas e parapeitos decorados nas janelas. Os que estavam à direita, eram construídos numa única ala, sem intervalos. Do outro lado da rua, logo depois do primeiro prédio, havia um pequeno espaço que o separava da próxima construção. Não parecia um grande abrigo... e estava à uma boa distância... mas era tudo o que tinha, no momento. Atravessou a rua em passo rápido e penetrou na abertura sem hesitar. Dobrou os joelhos, deixou que a Força fluísse em seus músculos e saltou.

Quase não conseguiu. O parapeito acima era anguloso e por um instante Luke ficou no ar enquanto os dedos procuravam apoio. Então encontrou a superfície de pedra e alçou o corpo para cima, deitando-se sobre o telhado.

Bem a tempo. Ao arriscar um olho sobre a borda para observar, enxergou seu perseguidor correndo para dobrar a esquina, abandonando toda a sutileza. Empurrou os que se encontravam no caminho, depois apanhou o comunicador e conversou com alguém.

Da travessa seguinte surgiu uma fileira de soldados das tropas de choque, em suas armaduras brancas. Com os desintegradores em posição de tiro, e os suportes de ysalamiri nos ombros, os homens do Império formaram um cordão bloqueando por completo a passagem.

Tratava-se de uma ação bem planejada e bem executada;

Luke tinha cerca de três minutos para fugir do telhado antes que eles percebessem que a presa não fora apanhada pela rede. Recuou de costas e dispôs-se a caminhar para o outro lado do telhado.

Acontece que o telhado não possuía outro lado. Pouco atrás de onde ele se encontrava, o telhado transformava-se numa enorme parede vazia, que se estendia em ângulo reto cem metros para cima e até onde a vista podia alcançar de ambos os lados. Abaixo da borda inferior só podia enxergar as emanções gasosas do pântano ao redor do planalto.

Cometera um erro, talvez fatal. Preocupado com o homem que o seguia, esquecera-se de que seus passos o haviam levado até a borda do planalto. A parede à sua frente era uma das enormes barreiras usadas para proteger a cidade das ventanias ocasionais.

Luke escapara da armadilha do Império... para descobrir que não havia nenhum lugar para onde fugir.

Resmungando, retornou ao parapeito e arriscou um olho para observar a rua. Mais soldados haviam se reunido ao primeiro esquadrão e começavam a avançar sobre os transeuntes apanhados na armadilha. Do outro lado, mais dois grupos haviam avançado para cortar qualquer possibilidade de fuga. O perseguidor de Luke tinha um desintegrador na mão e corria por entre a multidão na direção da outra pessoa de túnica...

Luke mordeu o lábio. Era uma peça nada agradável para se pregar a um transeunte inocente. Por outro lado, os homens do Império sabiam a quem procuravam e com certeza queriam apanhá-lo vivo. Colocar aquele homem em perigo mortal seria um comportamento inaceitável para um Jedi. Luke só podia esperar não colocar a si mesmo em evidência.

Apertando os dentes, projetou a Força, usando-a para retirar o desintegrador da mão do perseguidor. A arma girou à baixa altura na multidão e foi parar na mão da figura embuçada.

O agente desarmado gritou algo aos soldados, porém o que começara como um grito de triunfo transformou-se num aviso. Focalizando a Força com todo o controle de que era capaz, Luke voltou a arma para seu ex- perseguidor e disparou, bem acima da multidão. Não havia forma de apontar com cuidado para atingir os soldados do Império, mesmo que quisesse.

Porém, mesmo um tiro inofensivo seria o bastante para que os homens da tropa de choque entrassem em ação. Abandonaram a tarefa de verificar cartões de identidade e avançaram na multidão, na direção do homem de túnica. Os que se encontravam nos extremos, assumiram posições de cobertura.

Aparentemente não foi o suficiente para intimidar o perseguido. Atirando para longe o desintegrador que chegara às suas mãos, ele deslizou entre dois observadores paralisados, desaparecendo numa rua lateral estreita.

Luke não esperou para ver. No minuto em que alguém observasse o rosto do fugitivo, seu tempo para escapar terminaria; precisava sair do telhado onde se encontrava. Deslizou até a borda e olhou para baixo.

Não era nada alentador. Mas para suportar ventos de duzentos quilômetros por hora, a parede era lisa, sem nenhuma protuberância, porta, janela, ou abertura visível. Isso, pelo menos, não seria um

problema; poderia cortar uma passagem para si mesmo com o sabre-laser, se precisasse. O problema maior era sair do alcance dos soldados do Império, antes que começassem a caçá-lo com todos os efetivos.

Olhou para trás. Tinha de ser rápido. Já escutava o sibilar de repulsorlifts, pertencente às tropas do Império, pela cidade inteira.

Não podia mais deixar-se cair na rua sem atrair um bocado de atenção nada desejável. Não podia rastejar ao longo da parte superior da parede protetora até sumir de vista antes que chegassem os flutuadores militares. Isso só lhe deixava uma alternativa: para baixo.

Voltou os olhos para o céu. O sol de Poderis estava quase sobre o horizonte, movendo-se de forma perceptível pelo seu percurso curto de dez horas. No momento, brilhava nos olhos dos pilotos que se aproximavam dele, mas em cinco minutos o céu estaria escuro, dando chance de visão aos perseguidores e deixando visível a luz do sabre-laser.

Seria naquele instante, ou nunca.

Retirando o sabre-laser do interior das vestes, Luke acionou o controle, tomando o cuidado de ocultar com o corpo o brilho da lâmina esverdeada, deixando-a fora da vista dos veículos que se aproximavam. Usando a ponta, fez um corte no gigantesco anteparo, à direita e um pouco abaixo do local onde estava. Seu roupão era feito de material frágil e Luke rápido rasgou a manga esquerda, enrolando os farrapos entre os dedos. Protegido desta forma, conseguiu enfiar a mão no buraco para abrir caminho e permitir que enfiasse a lâmina do sabre-laser. Girou a ponta, num círculo amplo. Enfiou o corpo no buraco e apoiando o sabre com a ponta dos dedos da mão direita, abriu caminho à medida que progredia. Assim, suspenso pelos dedos, o sabre-laser abriu caminho e Luke deslizou para baixo.

Foi ao mesmo tempo apavorante e surpreendente. As memórias retornaram: o vento passando por ele ao cair no centro da Cidade-Nuvem de Bespin, depois ficar pendurado pelos dedos no vazio abaixo da cidade; encontrar-se exausto no assoalho da segunda Estrela da Morte, sentindo através de sua dor a impotência irada do Imperador quando Vader o atirou para a morte.

Abaixo do peito e nas pernas, a superfície do uniforme do anteparo terminou, anunciando sua rápida aproximação da borda e do

espaço vazio que existia além...

Levantando a cabeça, Luke piscou contra o vento que lhe fustigou o rosto e olhou por sobre o ombro. A borda letal aproximava-se, correndo contra ele numa velocidade que parecia alucinante. Mais e mais. No último instante, ele mudou a inclinação do sabre-laser, fez uma curva abrupta e continuou em rumo horizontal. Alguns segundos mais tarde, parou.

Por um momento ficou pendurado, seguro apenas por uma das mãos, recuperando o fôlego e o número de batimentos cardíacos. Acima dele, podia ver as bordas do corte que vinha fazendo, delineadas pelo sol poente. Observando bem, Luke calculou cerca de cem metros para a direita uma distância segura. Com um pouco de sorte, o suficiente para sair da armadilha do Imperador.

Dentro em pouco saberia com certeza, .

Atrás dele, o sol desapareceu no horizonte, apagando as marcas deixadas. Movendo-se com cuidado para não desalojar as pontas dos dedos, Luke recomeçou a cortar o material uniforme do anteparo.

— Relatório do comandante das tropas de choque, Grande Almirante — anunciou Pellaeon, que lia o conteúdo à medida que aparecia no monitor. — Parece que Skywalker não foi apanhado no cordão de isolamento.

— Não estou surpreso — disse Thrawn, consultando os próprios monitores. — Avisei várias vezes ao pessoal da Inteligência sobre subestimar os sentidos Jedi dele. Com certeza não me levaram a sério.

— É verdade, senhor. Mas pelo menos sabemos que *esteve* lá e não pode se encontrar muito longe. Os soldados estabeleceram um cordão secundário e começaram uma procura que engloba todos os prédios.

O Grande Almirante respirou fundo.

— Não. Ele não entrou em nenhum dos prédios. Skywalker não faria isto. Aquela pequena distração com a arma e o homem de roupa parecida — Thrawn olhou para Pellaeon. — Ele foi para cima, capitão. Para os telhados.

— Nossos batedores já estão verificando os telhados. Se ele estiver lá, será avistado.

— Ótimo — anuiu Thrawn, acionando o comando que ativava o mapa holográfico da região. — E quanto àquele anteparo de vento na parte ocidental? Pode ser escalado?

— Nossos homens aqui dizem que não. É muito liso e íngreme. Se Skywalker foi para esse lado, ainda está por lá. Ou no fundo do planalto.

— Pode ser. Assinale um dos batedores aéreos para examinar o lugar, de qualquer forma — mandou Thrawn. — E quanto à nave dele?

— A Inteligência ainda está tentando identificar a nave dele. Algum problema com os arquivos. Deve demorar mais alguns minutos.

— Minutos que não temos mais, graças à falta de cuidado do sujeito que estava seguindo Skywalker. Ele precisa ser rebaixado.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, acreditando que a punição era severa demais, mas poderia ter sido pior. O finado Lorde Vader teria estrangulado o agente. — O campo de aterrissagem está cercado, naturalmente...

— Uma perda de tempo. Por outro lado...

Voltou a cabeça para observar o planeta girando, através do visor.

— Retire todos, capitão. Todos exceto os clones das tropas de choque. Deixe esses de guarda perto das naves mais prováveis de pertencerem a Skywalker.

— Como, senhor? — balbuciou Pellaeon.

Thrawn voltou-se de novo para o subordinado, os olhos vermelhos brilhando mais do que nunca.

— O cordão de isolamento ao redor do espaçoporto não possui ysalamiri em número suficiente para deter um Jedi, capitão. Portanto, nem nos daremos ao trabalho de tentar. Vamos deixar que decole com sua nave para o espaço e o apanhamos com o *Quimera*.

— Sim, senhor. Mas nesse caso...

— Por que deixar os clones? — completou o Grande Almirante.
— Enquanto Skywalker é valioso para nós, o mesmo não se aplica ao robô astromecânico dele. A menos, claro, que os esforços heróicos para escapar de Poderis terminem de convencê-lo de que aqui é nosso ponto principal de trânsito de dróides.

— Ah... nesse caso, deixaríamos que o dróide dele escapasse com as informações recolhidas.

— Exato. Vamos colocar tudo em ação, capitão. Dê as ordens necessárias.

— Sim, senhor.

Pellaeon apressou-se a cumprir as instruções, sentindo uma certa excitação pela linha de ação do Grande Almirante. Talvez desta vez Skywalker caísse em poder deles.

Artoo produzia uma série de sons urgentes quando Luke passou pela porta do pequeno cargueiro, fechou-a e acionou a pressurização.

— Está tudo pronto para decolar? — indagou ele, por sobre o ombro para o dróide, correndo para a cabine de comando.

Artoo emitiu uma afirmativa. Luke verificou com rapidez os instrumentos ao acomodar-se no assento do piloto.

— Muito bem. Lá vamos nós.

Fornecendo potência aos repulsorlifts, Luke tirou a pequena nave do chão, desviando-a para estibordo. Um par de Skipray levantou-se atrás dele, movendo-se em perseguição enquanto ele se dirigia para a borda do planalto.

— Cuidado com esses Skipray — avisou Luke, dividindo a própria atenção entre a borda que se aproximava com rapidez e o espaço aéreo acima.

A luta com os soldados clonados fora breve demais para parecer realista. Ou o Império tinha algum incompetente encarregado, ou deixaram que a nave partisse de propósito. Armandando com cuidado a verdadeira armadilha...

A borda do planalto passou sob ele. Luke consultou de relance o monitor traseiro para confirmar que passara a cidade, depois acionou o motor convencional.

O cargueiro partiu para o céu como um rojão, deixando os Skipray na esteira. A voz que esbravejava ordens de parar pelo comunicador calou-se quando Luke fechou o canal.

— Artoo? Está aí atrás?

O dróide articulou uma afirmativa e uma pergunta surgiu no monitor de Luke.

— Eram clones, sim — confirmou ele, recordando a sensação especial que sentira ao perceber a aura deles. — Vou dizer mais uma

coisa: o Império sabia que era eu. Aqueles soldados carregavam ysalamiri nas costas.

Artoo assentiu e formulou nova pergunta no monitor.

— Certo... foi essa tal de Fonte Delta — concordou Luke.

— Leia me disse que se não conseguíssemos descobrir rápido o vazamento, ela ia recomendar que transferissem o setor de Operações para fora do palácio. Talvez até fora de Coruscant.

Se a Fonte Delta fosse um espião humano ou alienígena, ao invés de algum sistema de escuta além do alcance dos detectores, a mudança para qualquer lugar seria pura perda de tempo. Pelo silêncio eloqüente do dróide, Luke deduziu que ele imaginava algo parecido.

O horizonte distante, pouco visível contra as estrelas do céu, começava a mostrar sua curvatura.

— É melhor começar a calcular nosso salto para a velocidade da luz,

Artoo — disse ele, por sobre o ombro. — Vamos ter de sair com pressa.

Escutou uma confirmação e voltou sua atenção para o horizonte à frente. Sabia que toda uma frota de destróieres estelares poderia estar a espreitá-lo abaixo do horizonte, fora do alcance de seus instrumentos, esperando que ele abandonasse qualquer tipo de cobertura para depois lançar o ataque.

Fora do alcance dos instrumentos, mas talvez não fora do alcance de seus sentidos Jedi. Fechando os olhos e inundando de calma sua mente, ele projetou a Força...

Recebeu a impressão um instante antes que o aviso de Artoo se fizesse ouvir. Havia, de fato, um destróier estelar, porém não como imaginara, mas vindo de trás, numa órbita forçada que passava pelo alto da camada de atmosfera e que permitira a eles ganhar velocidade sem sacrificar as vantagens da cobertura planetária.

— Agüente aí — disse Luke, fornecendo mais energia à nave.

Porém, tratava-se de um gesto inútil e tanto ele quanto os homens do Império sabiam disso. O destróier estelar aproximava-se com rapidez, com os raios tratores já ativados, procurando por ele. Em mais alguns segundos, iriam apanhá-lo.

Ou pelo menos, iriam apanhar a nave...

Luke soltou o cinto de segurança, abriu um compartimento oculto no painel e pressionou os três interruptores ali existentes. O primeiro acionava o piloto automático; o segundo disparava o lançador de torpedos de próton na traseira, na direção do destróier.

O terceiro ativava o mecanismo de autodestruição.

Seu asa-X estava na área de carga atrás da cabine, com o nariz voltado para a fuselagem, como um estranho animal metálico espiando para fora da jaula. Luke saltou para a cabine, quase arrebatando a cabeça no teto baixo do cargueiro. Artoo já estava em seu lugar no encaixe apropriado e produzia ruídos para si mesmo enquanto elevava os sistemas aquecidos ao estado de alerta, prontos para funcionar. Enquanto Luke colocava o capacete, o dróide avisava que a nave estava pronta para voar.

— Se quisermos que isso funcione, precisamos calcular o tempo exato — comentou ele, colocando a mão sobre um controle especial, adicionado ao seu painel de comando. — Fique pronto!

Fechou os olhos, deixando que a Força lhe inundasse os sentidos. Certa feita, na primeira tentativa de localizar Mestre C'baoth, lutara dessa forma com o Império: um asa-X contra um destróier estelar. Naquela oportunidade também caíra numa cilada, embora só tivesse compreendido isso ao saber da aliança entre C'baoth e o Império. A habilidade, a sorte e a Força o haviam salvado.

Desta vez, se os especialistas de Coruscant tivessem realizado direito seu trabalho, a sorte já estava embutida.

Concentrado na Força, percebeu o raio trator meio segundo antes de sua presença. Sua mão acionou o controle e enquanto a nave estremecia sob a pressão poderosa do raio trator, a frente explodiu, numa nuvem de estilhaços metálicos. Impulsionado por uma catapulta interna, o asa-X foi atirado por entre os destroços. Por um breve e angustiante momento, Luke teve a impressão de que os raios tratores iriam segurá-lo, a despeito da cortina de fumaça e destroços. A seguir, de repente, a pressão desapareceu por completo.

— Estamos livres! — gritou ele, no interior do capacete, manobrando o asa-X na direção do espaço. — Vou fazer manobras de evasão.

Virou outra vez o pequeno caça e um par de luzes verdes e brilhantes passou pela cabine de aço transparente. Com os raios tratores fora de ação, o Império tinha resolvido derrubá-lo. Outra carga de canhões laser passou por ele e Artoo soltou um aviso enquanto algo passava pelos defletores e acertava o fundo da nave. Projetando a Força, ele estendeu as mãos para o painel...

Era tempo. Segurando os manetes do hiperdrive, Luke puxou-os em sua direção.

Com uma oscilação, o asa-X desapareceu na segurança do hiperespaço. As baterias do *Quimera* ainda disparavam, enviando raios inúteis ao local onde ele estivera no segundo anterior. Os artilheiros cessaram fogo; Pellaeon suspirou, com medo de olhar para o Grande Almirante. Era a segunda vez que Skywalker escapava do mesmo tipo de armadilha... e da última vez que fizera aquilo, um homem morrera pelo erro cometido.

O restante da tripulação na ponte tampouco esquecera o fato. Escutava-se o arrastar dos tecidos contra o forro dos assentos quando Thrawn levantou-se.

— Bem. Temos de dar à Rebelião o prêmio por ingenuidade — comentou ele, com voz calma. — Já vi esse truque antes, mas nunca realizado de forma tão efetiva.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, tentando disfarçar a tensão na voz.

— Calma, capitão — recomendou o Grande Almirante, olhando para o subordinado. — Skywalker seria um presente interessante para o Mestre C'baoth, mas o fato de ter escapado não se constitui em motivo para preocupação. O objetivo principal dessa ação era convencer a Rebelião de que eles descobriram o corredor de transporte dos clones. Esse objetivo foi atingido.

A tensão no rosto de Pellaeon começou a dissipar-se. Se o Grande Almirante não estava com raiva...

— Isto não significa, em absoluto — continuou Thrawn. — Que as ações dos tripulantes do *Quimera* devam ser ignoradas. Venha comigo, capitão.

Pellaeon enrijeceu e levantou-se.

— Sim, senhor.

Thrawn precedeu o capitão, descendo a escadaria traseira, até o centro de operações de estibordo. Caminhou entre os tripulantes em seus monitores e parou no setor que controlava os raios tratores de estibordo.

— Seu nome — disse ele, com voz calma ao jovem que se encontrava ali.

— Sargento Mithel — respondeu o tripulante, com o rosto pálido, mas composto.

A expressão de alguém que enfrentava a morte.

— Me diga o que aconteceu, Mithel.

— Senhor, eu tinha acabado de conseguir posicionar o raio trator, quando ele explodiu e formou uma nuvem de partículas refletoras. O sistema de alvo tentou focalizar todas de uma vez e parou por excesso de dados.

— E o que você fez, então? Mithel engoliu em seco.

— Bem, senhor... eu sabia que se fosse esperar que as partículas se dissipassem, o caça estaria fora de alcance, portanto, tentei dissipar eu mesmo, trocando o modo de operação de espacial para plano.

— Mão funcionou.

— Não, senhor — admitiu o jovem, com um suspiro. — O sistema de localização de alvo não conseguiu lidar com a situação. Parou de funcionar.

— É verdade — concordou Thrawn. — Você teve alguns instantes para considerar sua ação, Sargento. Conseguiu pensar em algo que devesse ter feito, ao invés do que fez?

— Não, senhor. Desculpe, mas não consegui. Não me lembro de nada no manual que cubra este tipo de situação.

— Correto. Não há nada. Vários métodos foram tentados ao longo das últimas décadas para anular o efeito da cortina de destroços, mas nenhum deles provou funcionar. Sua tentativa foi uma das mais criativas, em particular pelo pouco tempo que teve para agir. O fato de que falhou não desmerece sua reação.

Um olhar de incredulidade se estampava no rosto jovem.

— Senhor?

— O Império precisa de pessoas jovens e criativas, sargento — declarou o Grande Almirante. — Você fica, daqui por diante, promovido

a tenente. Sua primeira tarefa será descobrir uma forma de anular a cortina de destroços. Depois do sucesso obtido, a Rebelião vai utilizar o mesmo truque outras vezes.

— Sim, senhor... — balbuciou Mithel, a cor começando a retornar ao rosto. — Obrigado, senhor.

— Parabéns, tenente Mithel. Capitão, assuma o comando da ponte. Prossiga com nosso trajeto combinado. Estarei em minha sala, se precisar de mim.

— Sim, senhor.

Pellaeon ficou ali, sentindo a admiração e o espanto se espalharem entre os tripulantes. No dia anterior, a tripulação tinha respeitado o Grande Almirante e confiado nele. Depois do acontecido, estariam prontos a morrer por ele.

E pela primeira vez em cinco anos, Pellaeon finalmente percebeu, no mais profundo de seu ser, que o velho Império se fora de vez. Um novo Império, com o Grande Almirante Thrawn no comando, acabava de nascer.

O caça asa-X estava suspenso no espaço, a anos-luz de uma quantidade apreciável de massa maior do que um grão de poeira. Fora quase como uma repetição da outra batalha contra o destróier estelar, que o deixara perdido no espaço antes de ser encontrado por Mara Jade e levado para Myrkr por Talon Karrde.

Mas a aparência era a única coisa que tinham em comum.

O dróide emitiu um comentário nervoso.

— Calma, Artoo — disse Luke. — Não foi tão ruim assim. Não podíamos mesmo chegar a Coruscant sem parar para reabastecer. Só vamos ter de fazer isso mais cedo.

A resposta foi um protesto indignado.

— Estou levando você a sério, Artoo. Veja, aqui está uma lista de lugares onde podemos parar com metade da energia da bateria principal perdida. Está vendo?

Por um instante o dróide pareceu absorver os dados da lista e Luke teve a oportunidade de revê-la. Existiam várias opções, de fato. O problema é que muitas delas não pareciam saudáveis para um caça da Nova República e a maior parte das outras inclinava-se na direção do Império ou mantinha as opções políticas em aberto.

Ainda assim, mesmo num setor dominado pelo Império, havia locais por onde um caça sozinho poderia penetrar. Poderia aterrissar num local isolado, caminhar a pé até um espaçoporto e comprar células de energia sobressalentes com o dinheiro do Império que possuía. Trazer as pesadas baterias até o asa-X poderia ser um problema, mas nada que Artoo e ele não conseguissem resolver.

O dróide fez uma pergunta.

— Kessel é uma boa alternativa — concordou Luke. — Mas não sei... ouvi dizer que Moruth Doole ainda mandava lá e Han nunca chegou a confiar nele. Talvez fosse melhor pousarmos em Fwillsving ou até...

Interrompeu-se, quando um dos planetas na lista chamou sua atenção. Um planeta que Leia programara no sistema de navegação, talvez movida por intuição, antes dele partir.

Honoghr.

— Tenho uma idéia melhor, Artoo — disse ele, devagar.

— Vamos visitar os noghri.

O som eletrônico produzido atrás dele indicava desconfiança.

— Pare com isso. Leia e Chewbacca foram até lá e conseguiram voltar, não foi? E Threepio estava com eles. Você não quer que ele ande dizendo por aí que você ficou com medo de ir a um lugar onde ele esteve, quer?

O dróide protestou.

— Não vem ao caso se ele teve ou não escolha. O fato é que ele foi.

Artoo resignou-se.

— Assim é que se fala — encorajou Luke, iniciando o cálculo do rumo para Honoghr. — Leia queria mesmo que eu os visitasse. Assim mato dois coelhos com uma só cajadada.

Artoo emitiu um único ruído e permaneceu em silêncio... e mesmo Luke, confiando no julgamento de Leia sobre os noghri, admitiu que não escolhera bem a figura de linguagem utilizada.